

O DESAFIO DA EDIÇÃO ANOTADA: AS CRÔNICAS DE CORINA COARACI PUBLICADAS NA *ILLUSTRAÇÃO DO BRAZIL*

Eliane Vasconcellos*
Moema Mendes**

RESUMO: Corina Coaraci (Estados Unidos, 18/4/1859 – 23/3/1892) jornalista, filha da americana Mary Frances Lawe e do jornalista brasileiro Carlos Francisco Alberto de Vivaldi. Colaborou em periódicos, como: *Ilustração Brazil*, *South American Mail*, *Ilustração Popular*, *Folha Nova*, *Gazetinha*, *The New York Herald*, *Cidade do Rio*, *Correio do Povo*, *O Paiz*. Elegemos como *corpus* para as reflexões que constituem este artigo, os textos da revista *Ilustração do Brazil* publicadas no período de 1877 a 1880, com o objetivo de divulgar a produção da escritora.

Palavras-chave: Corina Coaraci. Edição anotada. *Ilustração do Brazil*.

Introdução

Esta pesquisa em andamento é parte do Projeto Resgate da obra de Corina Coaraci subdividido em Corina Coaraci: Uma revisão que se impõe e Corina Coaraci: Crônicas do século XIX para serem lidas no século XXI.

Desde a dissertação de mestrado (VASCONCELLOS, 1981) e da tese de doutorado (VASCONCELLOS, 1999), tenho me dedicado a estudar a posição da mulher em nossa sociedade. Este interesse motivou a Professora Zahidé Muzart a me convidar a participar da pesquisa que tinha como objetivo o levantamento de escritoras brasileiras do século XIX e que deu origem ao trabalho em três volumes publicado pela Editora Mulheres intitulado *Escritoras brasileiras do século XIX*. Motivadas por este projeto, continuamos a investigar e a pesquisar a literatura de autoria feminina do século XIX.

De minha parte, pela Editora Mulheres, editei uma coletânea de crônicas de autoria de Carmem Dolores (pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo), uma das escritoras mais importantes de sua época, publiquei um estudo sobre ela na reedição do romance *A luta* pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e publiquei uma edição das crônicas desta mesma autora. Estabeleci o texto do romance *Mistérios del Plata*, de Joana Paula Manso de Noronha, junto com a pesquisadora Ivette Maria Savelli. E, atualmente, junto com a pesquisadora Moema Mendes (também autora deste artigo) e Ivette Maria Savelli, estamos recuperando a obra jornalística da cronista Corina Coaraci.

Os primeiros anos da infância dessa jornalista transcorreram entre os Estados Unidos e Brasil, da seguinte forma:

- 1861 - Vem para o Brasil com a família.
- 1866 - Retorna com a mãe para os Estados Unidos.
- 1869 - Volta ao Brasil fixando residência com a família no Rio de Janeiro. Nesta cidade, casou-se com Visconti Coaraci e, deste matrimônio, tiveram um filho: Vivaldo de Vivaldi Coaraci, escritor.

* Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora titular da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Pós-doutora pelo *Institut de Textes et Manuscrits Modernes* (ITEM), Paris, França. Especialista em acervos literários, tendo organizado e publicado os inventários dos arquivos de Clarice Lispector, Pedro Nava, Vinícius de Moraes, entre outros. E-mail: vasconcellosev@gmail.com

** Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro do Conselho do Museu de Arte Murilo Mendes (UFJF). Pós-doutora em "Memória e Acervos Literários" pela Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Professora da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora - Suprema. Editora da Revista Brasileira de Ciências Médicas e da Saúde - (RBCMS). E-mail: moemarbmdes@gmail.com

- 1877 - Passa a dirigir a *Ilustração Popular*. Foi correspondente do *Arauto*, de Petrópolis; manteve uma seção na *Folha Nova*, do Rio de Janeiro, e escreveu regularmente na *Gazetinha*, também do Rio de Janeiro.
- 1878/1879 – Colaborou em periódicos fundados por seu pai no Rio de Janeiro: *Ilustração do Brazil* e *South American Mail*, escrevendo em língua inglesa e língua portuguesa.
- 1888/1889 - Foi correspondente especial do *The New York Herald* onde publicou uma série de artigos sobre o nosso movimento republicano.
- 1890 - Ingressou no *Cidade do Rio*.
- 1890/1891 - Transferiu-se para o *Correio do Povo*.
- 1891/1892 - Volta aos Estados Unidos para cuidar de interesses familiares, entretanto, continua sua atividade jornalística em *O Paiz*, periódico no qual ingressou antes de voltar aos Estados Unidos. De lá envia a série de crônicas “No país dos dólares”.
- 1892 - Adoeceu em Nova Iorque e, a conselho médico, transferiu-se para o sul do país, onde veio a falecer de embolia cerebral perto de Nova Orleans.

Na ocasião de sua morte o *Cidade do Rio*, na coluna Fatos e Notas, 2 de maio de 1892, estampa o seguinte comentário:

Alta, de uma elegância esgalgada e nobre, firme pupila negra, a cabeça altiva, toucada por cheia cabeleira cor de asa de corvo, ela passava às três horas da tarde, à rua do Ouvidor acima, em peregrinação pelas livrarias.

Às vezes, um menino lépido e fortezinho acompanhava-a: e assim, ao lado de uma criança, com o seu passo apressado e o seu arzinho de professora azafamada, despertava uma boa nota puríssima, brandamente casta de *menagère* às compras.

Esta senhora que eu, apenas, conheci de vista e através de seus escritos, e por quem tinha sincera admiração e respeito, era Corina Coaraci, que morreu nos Estados Unidos da América, há dois dias.

Creio que, nas letras brasileiras, ainda nenhuma senhora teve mais acentuada individualidade e nenhuma conseguiu, tão merecidamente, a colocação distinguida que lhe deram os jornais desta capital, por onde estrelejou a sua frase correntia e garbosa de cronista.

Sem acostumados pieguismos, esalfamento reles de frasear apanhado em livros maus, e lirismos alambicados que estão em moda, as suas crônicas agradavam imensamente pela clareza e boa argumentação, quanto pela precisão e segurança dos termos.

Questões, por vezes, arriscadas, levaram-na à polêmica, mas nunca ela abandonou, medrosa, o perigo das represálias; ao contrário, chegou a demonstrar coragem não comum e grande soma de conhecimentos literários, prova incursa do seu devotamento à carreira abraçada.

Corina Coaraci foi, verdadeiramente jornalista. A sua frase e o seu amor pelas questões da época, o gênero a que se dedicou — crítica e crônica — documentam a índole da escritora. Faltou-lhe a paixão artística. Ela não deixa uma página de análise sutil, um labor precioso de magoada impressão. Toda a sua obra é de luta, mesmo as mais literariamente preocupadas.

Fazendo justiça à sua minoria, que não parecerá na geração atual, manifestamos a sinceridade dos nossos sentimentos pela enorme perda da senhora que tão notoriamente, iluminou as colunas desta folha e de outros colegas com a luz do seu talento e do seu encantador espírito.

Com o marido, colaborou no drama histórico *Moema*, que foi levado à cena depois de sua morte. Artur Azevedo no jornal *A Notícia*, em 2 de fevereiro de 1897, diz que “para o Sant’Ana organizasse uma companhia dramática sob a direção de Ismênia dos Santos, companhia que se estreará com um drama póstumo de Corina Coaraci, intitulado *Moema*”. Entretanto, a peça não entrou em cartaz, porque dois ou três atores se despediram da companhia.

O jornalismo na época era tabu e poucas foram as mulheres que tiveram a coragem de lançar-se nesta empreitada. Até bem pouco tempo, o jornalismo não era considerado literatura. Tanto assim que a grande romancista Clarice Lispector assinava suas crônicas publicadas em *Comício* com as iniciais C.L. E em antevista dada a Fernando Sabino diz: “Sei também que crônica para jornal não é arte literária”^(I). Isso porque a crônica escrita para o jornal tem uma duração efêmera, ficando o seu produtor relegado, na maioria das vezes, ao esquecimento, mesmo que sua produção tenha sido reconhecida na época da escritura. Concordamos com seu filho Vivaldi Coaraci quando afirma que a entrada de sua mãe para o *Cidade do Rio* foi um ato de coragem.^(II) A produção de Corina tem nos permitido conhecer e analisar os fatos e posicionamentos de uma jornalista-mulher sob uma perspectiva histórica alicerçada em um discurso crítico.

Sua atividade literária não se limitava a simples comentários ou a notícias de *faits divers*. Fazia crítica de arte, escrevia artigos de oportunidades e tomava parte nas tarefas comuns da redação. Já entregamos ao público os artigos publicados por Corina Coaraci na *Folha Nova*, em *O Paiz* e está em fase final de preparação os trabalhos publicados no *Ilustração do Brazil*, *Ilustração Popular*, *Cidade do Rio*, *Correio do Povo*.

As publicações de Corina vêm sendo identificadas, transcritas e anotadas a partir da documentação periódica, principalmente, disponível na Biblioteca Nacional e em seu arquivo pessoal depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa. Esta pesquisa tem o propósito de divulgar a obra desta jornalista, que se caracteriza essencialmente por sua atuação na imprensa, pois em sua produção, não há livro publicado, somente traduções. O acesso a esses textos é denominado pesquisa de tendência arqueológica, um trabalho de resgate das escritoras esquecidas e a recuperação de dados silenciados ou excluídos, como a obra e a atuação dessas mulheres.

O reencontro com tais obras é o que deve ser empreendido em primeiro lugar, para embasamento da discussão de outras questões, pois não se pode estudar e discutir questões teóricas sem conhecer o que as mulheres escreveram e publicaram. É necessário conhecer e discutir seus pressupostos ideológicos, seus códigos estéticos e retóricos, tão marcados por preconceitos de cor, de raça, de classe social e de gênero.

Ilustração do Brazil: Os textos

A *Ilustração do Brazil* lançada por Vivaldi Coaraci era uma revista de luxo, composta por textos submetidos à criteriosa seleção, acrescidos de muitas gravuras e quase que a totalidade de suas folhas era litografada.

Ilustradores como Ângelo Agostini colaboravam na revista criando seus desenhos humorísticos ou satíricos, independentes das matérias literárias cujas legendas eram registradas em forma de escrita cursiva pelo próprio desenhista. Vivaldi utilizava-se desta arte de ilustrações quando possível ou encomendava gravuras dos Estados Unidos como os elogiados retratos da Família Imperial.

Colaboraram nessa revista muitos escritores conceituados como Artur Azevedo, Franklin Távora e Machado de Assis que se empenharam em oferecer ao público culto uma revista de significativo padrão intelectual (SODRÉ, 1966).

O primeiro número da *Ilustração do Brasil* saiu em 29 de julho de 1876 e em alguns meses depois chegava ao público a *Ilustração Popular* (7 de outubro). Ambos eram dirigidos pelo pai de Corina, Vivaldi Coaraci. E como o nome indica este segundo periódico era uma versão mais simples e compacta do primeiro tanto que a *Ilustração do Brazil* custava 300 reis e o segundo 100. Sacramento Blake (1893) diz que Corina Coaracy teria assumido a direção literária da *Ilustração Popular* em 1877. Entretanto, na referida revista tal informação não pôde

ser confirmada, pois nas capas dos 44 números publicados, figura apenas o nome de Charles F. de Vivaldi como diretor do periódico.

Nesse periódico aparecem traduções de obras francesas e italianas. A saber: “Adolpho Thiers” foi uma crônica publicada na *L’Illustrazione Italiana*, Milão, em 9 set. 1877, p. 158-9; “O abade Aubain” de Paulo Merimée foi publicado em *Nouvelles*. Paris, Michel Lévy Frères, em 1852. “Um caso de sonambulismo”; trecho de obra de Dr. Croissant; *Un cas de somnambulisme*. Bruxelas, Meunier et fils, 1873. “A Sereia” de Cristian Andersen: *Contes d’Andersen*. Paris, Librairie Hachette etc cie., 1876, Uma alma pra nascer de Alexandre Dumas, pai.; “Une âme à naître” ou Histoire d’une âme. In: *Contes pour les grandes et les petits enfants*. Paris, 1852-1860 e “Um sonho”; produção literária de Ludovic Halévy; vol. 02, n 16 (nova série), p. 51, 1880. *Le rêve*. In: *Madame et Monsieur Cardinal*. Paris, 1872.

Entre seus artigos aí publicados, destacamos um longo ensaio sobre a origem e o sucesso financeiro da família Rothschild; um relato sobre sonambulismo, extraído do livro *Un cas de somnambulisme par Dr. Croissant*. Em “Velázquez e Rubens”, de 1878, a cronista ainda está presa ao dado biográfico, à linguagem dividida entre o poético e o prosaico, mas sob o signo de uma erudição livresca que, entretanto, não lhe impede alguns rasgos críticos, como na parte em que fala de um quadro de Velázquez:

Milão só possui de Velázquez um pequeno quadro, o retrato de um frade apenas, morto e no qual parece sentir ainda o calor da vida naquele momento apagada; é um primor de arte, pela largueza do desenho e a beleza do colorido, obtido com poucos elementos; os jovens campeões da escola moderna de coloristas frequentes vezes param ante esta pequena tela na galeria de Brera, e retiram-se com um suspiro, porque sentem que acabam de estar com um gigante da arte.

O mesmo se passa quando comenta a obra de Rubens, escrevendo que: “nas suas telas respira um vigor tal de desenho e de tintas que amedronta os mais vigorosos coloristas. A forma, a composição, o claro-escuro, os matizes, os contrastes de cores tudo nos seus quadros concorre para este efeito assustador”.

Vê-se, por aí, que, a par dos dados livrescos, existem observações críticas e um conhecimento dos elementos da linguagem e da técnica da pintura, o que não é comum nos intelectuais da época.

Em “O protótipo de D. Juan”, de 1879, ainda se vale do enciclopedismo para dar ao leitor uma boa visão das várias versões de D. Juan, visto principalmente por meio da versão musical de Mozart. Daí as suas palavras:

Apesar das numerosas obras escritas sobre o mesmo assunto, por tantos poetas que têm procurado mudar a fisionomia característica de D. Juan para lhe dar uma aparência mais humana, o povo conservou-se sempre fiel ao original e não se recorda nem aprecia outro. As imitações, as cópias desapareceram e o original conservou-se em todo o seu primitivo e singular brilho. É verdade que para conservá-lo sempre na memória de todos a música sempre maviosa, sempre fresca de Mozart vale mais do que a extravagante legenda espanhola, mais do que a comédia de Molina, mais do que os versos de Del-Ponte.

Os trabalhos de Corina que temos acesso, foram publicadas no *Ilustração do Brazil* entre 14 junho 1877 e 1880, sem nenhum critério de periodicidade, há números em que ela escreve mais de um artigo como “O Protótipo de D. Juan” e “Divertimentos”, (e entre aspas?) ambos publicados em edição e junho de 1878. Os que recuperamos são assinados de diferentes maneiras:

- “Entre moças...”, “Ontem e hoje”, “Um macaco”, “Um novo poeta francês”, os dois textos intitulados, “Crônica da moda”, “Conversações com minha filha: a mulher literata”,

“Conversações com minha filha: a mulher feia” e “Os Anéis” foram assinados com o pseudônimo Aniroc (que é o anagrama de Corina);

- “Adolpho Thiers”, “O Abade Aubain” assinado Corina de Vivaldi,
- “Velázquez e Rubens”, “Um caso de sonambulismo”, assinado C.
- “A dinastia Rothschild”, “Cristiano Andersen e as suas obras”, “A sereia: conto de Andersen” “O Protótipo de D. Juan”, “Divertimentos”, “A Castelã e a Caridade” e “A música do futuro”, C. V.
- “Uma alma para nascer”, Corinna de Vivaldi.
- “Um sonho”. Cora Cy.

Apesar de as crônicas só terem sido publicadas no periódico, não houve problemas de leitura decorrentes da deterioração do jornal. Todos os textos possuem título, e foram introduzidos pela respectiva data de publicação, padronizada pelo modelo dia (numeral cardinal), mês (por extenso) e ano.

As notas de pesquisa de naturezas distintas – biográficas, contextuais, vocabulares – foram elaboradas pelas organizadoras. Os vocábulos e expressões estrangeiros foram traduzidos, exceto alguns de fácil compreensão, ou por que figuram em dicionários de língua portuguesa atuais.

Preparo da Edição

O nosso trabalho se baseia nas pesquisas de fontes primárias e contribui para problematizar e renovar a historiografia oficial, que só leva em conta o *corpus* de textos canônicos. Ele se insere em um escopo mais amplo, que envolve os estudos de Ecdótica, de base filológica, e vem resultando, na prática, na edição de obras do século XIX, por meio do trabalho de localização dos textos, fixação e edição dos mesmos. Seguimos as seguintes etapas: localização e reprodução dos textos, digitação, estabelecimento do texto crítico, elaboração de notas e preparo da edição.

Para o preparo da edição, adotaram-se os seguintes procedimentos:

- 1- atualização da grafia dos vocábulos segundo as normas vigentes, sempre tendo por base o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (Volp)*, disponível no site da Academia Brasileira de Letras, e recorrendo, quando necessário, aos dicionários de língua portuguesa online: o *Dicionário Houaiss corporativo*, o *Aulete digital*; e o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010),
- 2- os poemas transcritos em “Um novo poeta francês” foram cotejados com a 1ª edição;
- 3- manutenção do ditongo *ou* em *cousa, dous, fouce*, meia-noute;
- 4- os vocábulos estrangeiros foram traduzidos, exceto alguns de fácil compreensão, ou por que figuram em dicionários de língua portuguesa atuais: *toilettes, menu, gaze, paletot, chic, tulle, ladies, soirée, pollen*;
- 5- conservamos a expressão “flores-de-campo”, apesar de não dicionarizada;
- 6- atualização da grafia dos verbos quando acompanhados por pronomes oblíquos átonos: *acordal-o*, → *acordá-lo*; *temel-as*, → *temê-las*, *receberam-o* → *recebram-no*, *aconselhara-o* → *aconselharam-no*;

- 7- registramos a forma correta de alguns vocábulos quando grafados equivocadamente: *Les Pyreuées* por *Les Pyrénées*;
- 8- adoção da inicial maiúscula em Ministérios, Conselho, Câmara sempre que se refere às respectivas instituições;
- 9- adoção da inicial minúscula na palavra *estado* sempre que o texto se refere a uma unidade da Federação;
- 10- na crônica “Velázquez e Rubens” publicada em março de 1878 vários antropônimos estrangeiros são registrados. Como não há uma uniformização de suas grafias optamos por registrar a grafia de batismo: Velasquez → Velázquez; Durer → Dürer, Miguel Angelo → Michelangelo, Paulo Veronesi → Pàolo Veronese, Corregio → Corréggio, Diogo Rodrigues → Diego Rodríguez; João Rodrigues de Silva → Juan Rodríguez de Silva, Jeronyma Velasques → Jerónima Velázquez; Diogo Velasquez de Silva; Diego Rodrigues de Silva y Velázquez; Philippe IV; Felipe IV; D. Joanna → D. Juana; duque de Olivarez → duque de Olivares, Luiz XIV → Louis XIV; Spinola → Spínola; Frederick Wilham Fairholt → Frederick William Fairholt;
- 11- na crônica “Os anéis” publicada em março de 1878 o antropônimo Domenicia → Domícia;
- 12- na crônica “O protótipo de D. Juan” publicada em junho de 1878, o antropônimo Gabriel Telley → Gabriel Téllez; Cirso de Molina → Tirso de Molina; manutenção da grafia dos personagens, conforme libreto em italiano: Leporello; Zerlina; Masetto; D. Anna; D. Elvira; D. Ottavio; Commendatore;
- 13- manutenção de formas variantes em que figuram letras consoantes que ainda hoje se preferem, desde que arroladas no *Volp*: subtil;
- 14- manutenção da inicial maiúscula quando se observou que a autora desejou dar destaque ao vocábulo: Moda, Senhoras;
- 15- manutenção das aspas duplas e sem fechá-las em algumas crônicas como: 30 de outubro de 1877;
- 16- manutenção da variante preságio em lugar de presságio;
- 17- conservamos as preposições que configuram o objeto direto preposicionado como em: “se havia achado o meio de matar mais rapidamente ao [sic] inimigo”.
- 18- Decidimos não mexer no emprego das aspas. Corina especialmente nestes textos as emprega de forma peculiar, ficando difícil saber se são gralhas de impressão ou vontade autoral.

O papel das notas de pesquisa

No que diz respeito às notas, resumidamente podemos dizer que há duas correntes: uma que é a favor da notação o mais sucinta possível, como é o caso, por exemplo, de vocábulos desconhecidos do leitor, respeitando o argumento de que o mesmo deve buscá-los em dicionários; ou procurar em enciclopédias, se for o caso de desejar obter informações adicionais

sobre fatos ou personagens citados; a outra é a favor de auxiliar o leitor o mais que puder. Para realizar nosso trabalho, seguimos os passos de Colette Becker (2013) propostos na introdução da edição da correspondência de Zola, apresentada na conferência de abertura do seminário *Artisans de la correspondance: dialogues sur l'édition de lettres en France, au Brésil et au Portugal*. O trabalho intitulou-se “La correspondance d'Émile Zola, le discours d'escorte trente ans après”, que retomava o ensaio publicado em 1984, “Le discours d'escorte: l'annotation et ses problèmes (a propôs de la correspondance de Zola), em *Les correspondances inedites* (Paris: Econômica). No Brasil, esse último texto foi traduzido por Ligia Fonseca Ferreira e publicado com o título “O discurso de escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola)” (*Patrimônio e Memória*, São Paulo, UNESP, v.9, n.1, p. 144-156, jan.-jun, 2013).

O papel das notas não me parece exatamente idêntico: eu preferiria chamar de “discurso de acompanhamento”, menos guerreiro. Assim, tal como a concebo, a anotação é um enorme trabalho de formiga, amiúde ingrato, quando não desesperador, nunca encerrado, sempre problemático, utópico e, para alguns, petulante em suas ambições de abarcar a totalidade ou reconstruir um objeto literário. Mas, no final, cabe ao leitor julgar, leitor que nunca é obrigado a obedecer à chamada de nota. Apesar disso tudo e por essa razão, esse trabalho continua sendo para mim cativante e necessário (BECKER, 2013, p. 144.).

A primeira preocupação é saber a quem se dirige o trabalho, tarefa nem sempre fácil: público especializado? público em geral? Pensando no público em geral, e levando em conta que o nosso leitor não seja um especialista e pode não conhecer algumas palavras estrangeiras, momentos históricos mencionados, localização de alguns bairros, ou estabelecimentos, assim como personalidades tanto dos cenários, histórico, político, teatral, literário e cultural, achamos por bem elucidá-lo sobre eles. A partir desta reflexão de Becker (2013), seguem alguns exemplos de notas produzidas pelas autoras deste artigo para textos de Corina.

Contextualização Histórica

Texto 15 de setembro de 1877.

La chanson des gueux deu-lhe grande fama juntamente com a prisão.

Nota

Ficou preso por 1 mês (Jean Richepin) e pagou de multa 5 cents de franco, por crime de violação aos bons costumes, em decorrência da linguagem utilizada em seu livro. Os exemplares da obra foram confiscados por terem sido considerados insultuosos à moralidade pública.

Identificação de personalidades

Texto 14 de junho 1877

Mme de Staël

Nota

Anne-Louise-Germaine Necker (Paris, 22/4/1766 – 17/7/1817), dita *Mme de Staël*. Escritora francesa. Tornou-se baronesa de Staël-Holstein após seu casamento com o suíço Barão de Stael-Holstein, em 1786. Foi precursora dos estudos de literatura comparada, em que analisava obras produzidas fora da França, especialmente as alemãs, com intuito de adaptar os ideais românticos à realidade do seu país.

Identificação de obra

Texto – 30 de outubro de 1877

Todas as vezes que encontro uma senhora nessas circunstâncias, lembro-me de um tipo de moça que conheci no *Mutual friend de Dickens*

Nota

Último romance Charles Dickens. Disponível em:

https://onemorelibrary.com/index.php/en/?option=com_djclassifieds&format=raw&view=download&task=download&fid=15129 . Acesso em: 8 mar.2022.

Texto: Abril 1879

De 1833 a 1834 percorreu, como dissemos, a Suíça, a França, e a Itália, onde concluiu o seu *Improvvisatore*,* vivo e brilhante quadro da vida artística em Roma; naquele mesmo tempo publicou uma novela *Ignezio o marinheiro*;** depois vieram as suas *Aventuras, contadas aos meninos*; *O. T.*, **exata e curiosíssima narração dos costumes dinamarqueses; *Uma simples rabeca*,** romance; *O livro de imagens, sem imagens*.**

Nota:

**Improvvisatore*: or, life in Italy. É uma novela autobiográfica publicada em 1835.

*Este título não foi identificado entre as obras de Andersen

*Publicado em 1835.

*Publicado em 1837.

*Publicado em 1840.

Texto: Outubro 1878, janeiro e fevereiro de 1879

Entre os numerosos casos de sonambulismo, que a ciência médica tem observado, este do sr. Dionysio Van-Spengel, seria com certeza considerado como um dos mais curiosos e raros. Resumiremos para os nossos leitores a profunda e curiosa memória publicada pelo dr. Croissart; frequentemente, para maior clareza, empregando as próprias palavras do ilustre escritor.

Nota:

Um cas de sonnambulisme, par le dr. Croissart. Bruxelles, Meumir fils.

(Nota da Autora). *Un caso de sonnambulismo*, conto do escritor italiano Luigi Capuana, integrante da coletânea de contos *Un bacio ed altri racconti*, publicado pela primeira vez em Milão, 1881. No conto italiano também está registrada uma nota, após a palavra escritor: *A cas de sonnambulisme* para o Dr. Croissart. Bruxelas, Mennier et fils, 1873. Um grande volume com 18 retratos. A edição está esgotada; nem uma única cópia seria encontrada, nem mesmo para pagar por seu peso em ouro. Uma pessoa curiosa, comparando a narrativa do Dr. Croissart com um mapa da cidade de Bruxelas, notou que os nomes das ruas foram alterados após 1873. (Nota do autor, Luigi Capuana).

Identificação de Localidades e acidentes geográficos

Texto – 30 de setembro de 1877

Há bem poucos dias uma modista elegante da rua dos Ourives

Nota

Atual rua Miguel Couto no Rio de Janeiro, onde, no século XIX, se reuniam os ourives para facilitar a cobrança de impostos sobre o ouro e a prata.

Texto-30 de outubro de 1877

Fui sábado à récita do Congresso Dramático

Notas:

Erguido com o nome de Teatro Provisório (1852), passou a chamar-se Teatro Lírico Fluminense (1854), situado no campo da Aclamação (hoje campo de Santana) entre a rua dos Ciganos (hoje Constituição) e a rua do Hospício (hoje Buenos Aires).

Texto: Julho de 1879

como a um jardim florido; ao sublime não se pode aproximar senão com muitas fadigas, como aos mais altos píncaros dos Apeninos.

Notas:

Cordilheira na Itália que vai do centro à costa leste do país.

Tradução de palavras, expressões, textos em língua estrangeira

Texto – 15 de setembro de 1877

Nocturne//Le jour fuit,/La mer roule/Et roucoule/Dans la nuit, //

Et le bruit/De la houle/Berce et soûle/Mon ennui, //Et je doute/Si j’écoute//Dans les sons///De la grève/Les chansons/Du vieux rêve

Nota:

Noturno/O dia passa, /O mar rola/E arrulha/Na noite/E o barulho

/Do marulho/Embala e embriaga/Meu tédio, /E duvido/Se escuto/Nos sons

/Da praia/As canções/Do velho sonho. (Agradecemos a Júlio Castañon Guimarães a tradução dos poemas).

Texto- 30 de setembro de 1877

Estava na moda o *douillette*.

Nota

‘Palavra francesa: “redingote” feminino, sem pregas nas costas, geralmente de um material macio.

Texto: 30 de setembro de 1877

Faz-se à “princesa”

Nota:

De acordo com o dicionário *Histoire du Costume*, de François Boucher, editado em 1996, p. 472, este vestido torna-se moda, por volta de 1865 e se caracteriza por ser cortado em uma só peça que vai da altura dos ombros até os pés com uma cauda longa.

Identificação de eventos

Texto: Setembro e outubro de 1878

Atrás do carro fúnebre iam os seus três filhos, Afonso, Gustavo, Edmundo e dois netos. As casas de Londres, de Viena e de Nápoles, foram representadas por Anselmo, Velly, Adolpho e Antony.

Nota:

No *site* da família Rothschild, localizamos as informações de que nos seguintes jornais foram registradas notícias sobre o enterro de James Rothschild: *Univers Illustré*, 21/11/1868; *Le Monde Illustré*, 21/11/1868, *L’Univers Illustré*, 28/11/1868. Localizamos, ainda, no *Le petit Journal*, nas datas de 19 e 21/11 e no *Le Figaro* de 19/11, bem como no *Le Temps* de 19/11 todos de 1868 várias informações sobre o cortejo fúnebre e o enterro conduzidos por seus três filhos e genros. Não localizamos no *site* da Gália o *Le Monde Illustré* na data citada e nenhum dos jornais consultados havia referência a presença dos netos no cortejo fúnebre. Agradecemos à professora Jacqueline Penjon que nos conduziu nesta pesquisa.

Conclusão

Retomando os estudos de Colette Becker (2013), a teórica ressalta que há perigo de o pesquisador se animar e, conseqüentemente, produzir uma nota que resulte mais importante que

o texto. Por outro lado, vale destacar que a elaboração de uma nota de poucas linhas, ou até mesmo de uma linha, foi fruto de longo trabalho de pesquisa.

O presente trabalho, que obedeceu às etapas de localização das crônicas, digitação e cotejo com o original, estabelecimento do texto, pesquisa para a elaboração de notas e organização da edição, faz parte do projeto de pesquisa desenvolvido na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) com o apoio do CNPq e já pode ser consultado, no *site* da FCRB, o e-book da edição anotada da coluna “Modos e Corina Coaraci: Modas-Usos e Costumes” (textos publicados na *Folha Nova*) no endereço <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/16135>. Já foram entregues ao Setor de Editoração da FCRB as crônicas publicadas em *O Paiz* e *Ilustração do Brasil*. As da coluna “A Esmo”, que foram publicadas no *Cidade do Rio* e no *Correio do Povo*, ainda estão sendo trabalhadas.

Sintetizando, a preparação e o estabelecimento de um texto crítico obedecem aos critérios da Crítica Textual, para que se possa transmitir ao leitor um texto fidedigno, genuíno. O trabalho final de edição dos textos de Corina Coaraci não pretende apenas publicá-los, mas prepará-los, para que reflitam, realmente, a vontade da autora. Ao procurar fazer circular os textos desta escritora, estamos contribuindo para corrigir velhas ideias e preconceitos arraigados sobre a pretensa ausência da mulher nas letras nacionais.

Para a realização desta pesquisa, contou-se com a colaboração dos bolsistas Gisella Magalhães Lessa e Breno Pagoto de Oliveira, aos quais agradecemos. Somos gratas também à Prof.^a Dr.^a Marlene Gomes Mendes, pela leitura atenta das crônicas de Corina.

THE ANNOTATED EDITION CHALLENGE CORINA COARACI'S CHRONICLES PUBLISHED IN ILLUSTRACAO DO BRAZIL

ABSTRACT: Corina Coaraci (United States, 4/18/1859 – 3/23/1892) journalist, daughter of Mary Frances Lawe, an American with a Brazilian journalist, Carlos Francisco Alberto de Vivaldi. She collaborated in periodicals such as: *Illustration Brazil*, *South American Mail*, *Ilustracao Popular*, *Folha Nova*, *Gazetinha*, *The New York Herald*, *Cidade do Rio*, *Correio do Povo*, *O Paiz*. We chose as corpus, the thoughts that constitute this article, the texts of the magazine *Ilustração do Brazil* published between 1877 and 1880, with the objective of disseminating the writer's production.

Keywords: Corina Coaraci. Annotated edition. *Ilustração do Brazil*.

I Documento que se encontra no arquivo pessoal de Clarice Lispector depositado no Arquivo- Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

II Coaraci, Vivaldi. *Todos cantam sua vida: memórias de infância adolescência*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. p.61.

Referências

BECKER, Colette. O discurso da escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola). Tradução Lígia Ferreira. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, jan./jun. 2013, p. 144-156.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 139-140.

VASCONCELLOS, Eliane. *A mulher na língua do povo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

_____. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

Data de submissão: 31/05/2022

Data de aceite: 08/08/2022